

ESPECIAL:
LAR ADVENTISTA

Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Fevereiro/88





Dia Mundial do Casamento

14 de Fevereiro de 1988

História

É promovido pela Liga Mundial Pró-Casamento. Começou em 1980 com um pequeno grupo de casais da Liga Pró-Casamento em Baton Rouge, na Luisiana, que conseguiu convencer o seu presidente da Câmara a proclamar o dia de S. Valentim daquele ano como o «Dia da Crença no Casamento». A partir de então, tem-se espalhado e conquistado o reconhecimento público e oficial em toda a América do Norte e, ainda que apenas em começo, vai-se desenvolvendo também a nível internacional.

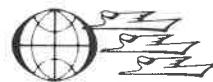
Sugestões para a participação da sua igreja na celebração do Dia Mundial do Casamento:

- Falar sobre o casamento cristão no sábado 13 de Fevereiro. Ver os resumos e textos auxiliares para os sermões inclusos.
- Convidar o casal mais antigo da sua igreja ou comunidade e prestar-lhe de algum modo uma homenagem.
- Promover a leitura de bons livros sobre o casamento. Talvez se possa organizar uma exposição desses livros na igreja, ou noutro local, incluindo as obras de Ellen White *O Lar Adventista*, *Orientação da Criança*, *A*

Ciência do Bom Viver e outras publicações nossas.

- Organizar um serão dedicado aos casais ou um fim-de-semana de apoio ao casamento, na sua igreja ou comunidade. Fazer um jantar de homenagem aos casais casados. As pessoas poderiam trazer as fotografias ou álbuns do casamento para mostrar aos amigos.
- Organizar uma reunião social para toda a família, na congregação ou na comunidade, incluindo solteiros, casados e crianças, dando-lhes oportunidade para se recrearem juntos. Criar um ambiente de amor e simpatia.
- Animar os casais que têm planos para se casar, a fazer uma preparação adequada, procurando orientação pré-nupcial de um pastor, conselheiro ou outra pessoa qualificada. Existe material preparado para esse efeito em português (cerca de 100 folhas dactilografadas com o título geral de *Preparação para o Casamento*).
- Envolver os membros da sua igreja na preparação da Semana do Lar Cristão, incluindo o Dia Mundial do Casamento.
- Anunciar as manifestações que se organizarem nos órgãos da imprensa local.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Fevereiro 1988
Ano XLVI • N.º 495

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 Dia Mundial do Casamento
- 3 Semana do Lar Cristão
Por Daniel Esteves
- 4 Quo Vadis, Família Adventista
Por Pietro Copiz
- 7 A Mãe, Rainha do Lar
Por Ellen G. White
- 9 Elevando a carreira profissional de Esposa e Mãe
Por Kay Kuzma
- 11 Sozinho com o Pai
Por George Hoherd
- 12 O Comportamento dos nossos filhos pode mudar
Por Kay Kuzma
- 14 A Religião em Família
Por Ellen G. White
- 16 Chamei-vos Amigos
- 18 Notícias do Campo
- 19 O Campo é o Mundo — Notícias

SEMANA DO LAR CRISTÃO

20 a 27 de Fevereiro

Cada vez mais se torna premente termos uma reflexão conveniente sobre o Lar, as suas perspectivas e dificuldades e o que realmente dele fazemos.

O desenvolvimento social dos nossos dias não é, de maneira nenhuma, acompanhado por melhorias no Lar, em termos de estabilidade, respeito, alegria e felicidade. O panorama actual leva-nos a considerar que, em cada dia que passa, aumentam os factores que visam a destruição desta instituição divina. Segundo dados estatísticos referentes ao movimento judicial do nosso país, o divórcio já ocupa, infelizmente, um lugar entre os primeiros motivos de execução de processos judiciais. Generaliza-se, entre a sociedade, a noção do casamento finito, limitado, susceptível de, com relativa facilidade, ser alterado ou anulado.

Como povo de Deus nesta Terra, temos o encargo bem definido de pugnar pela dignificação desta instituição divina. Não podemos olvidar que, do Jardim do Éden, saíram duas instituições criadas por Deus para benefício do ser humano: o Lar e o Sábado. Da segunda temos nós feito bandeira no contacto com os de

fora. Gostamos de ser conhecidos como guardadores do sábado, pois sentimos que isso nos pode identificar mais correctamente, e nos coloca mais próximos de Deus como nosso Criador e Salvador. No entanto, também temos esquecido que o lar é a forma de retratar, na prática, a visão que cada um tem do que será a vida na eternidade. Cada Lar Adventista deveria constituir-se, como nos propõe o Espírito de Profecia, uma antecipação do Céu nesta terra.

Se em cada Lar cristão, os mais elevados valores morais e sociais forem prezados, se em cada momento e em todas as circunstâncias agirmos com a convicção de que os anjos do céu têm de ser nossos convidados, se tivermos como primeiro objectivo que o Espírito Santo coabite connosco,

então os nossos Lares tornar-se-ão um refúgio e um cantinho do Céu nesta terra. Nessa altura constituimo-nos em verdadeiras cartas abertas para que todos leiam nelas o propósito de Deus para a humanidade. Assim poderemos ser conhecidos, sem que isso desvirtue a nossa identidade, como um povo especial que preza e desenvolve a felicidade no Lar como um dos seus principais valores.

A existência duma Semana do Lar Cristão no nosso calendário é a possibilidade de, duma forma orientada e mais proveitosa, fazermos a reflexão que é imperiosa e que nos pode levar a grandes êxitos no nosso Lar. Que todos, pais e filhos, em conjunto, e através de oração fervorosa, procurem a solução para os problemas que ainda afectam o seu lar para que ele possa, com a felicidade que lhe seja inerente, tornar-se numa bênção incomensurável para todos e numa luz brilhante que, atingindo todos, poderá levá-los a mudar o curso das suas vidas, permitindo que Cristo viva com eles e neles.

Daniel Esteves, médico e director dos Departamento de Saúde e Temperança, e responsável pelo Serviço Lar e Família, da União Portuguesa

DANIEL ESTEVES



Quo Vadis, Família Adventista?

Observações a um Inquérito sobre Vida Familiar realizado na Divisão do Sul do Pacífico

Os resultados de um inquérito sobre vida familiar, realizado em Setembro de 1986 entre famílias adventistas da Austrália e Nova Zelândia, são certamente de interesse para os leitores europeus, dado que o estilo de vida básico daqueles países é semelhante ao da Europa.

O serviço Lar e Família da Divisão do Sul do Pacífico organizou este inquérito com o objectivo de recolher dados que o habilitassem a «desenvolver um ministério em prol da família, fortalecendo e melhorando os laços existentes entre os seus membros». Constituído por 27 ítems, dirigia-se a adventistas de mais de 16 anos de idade que frequentassem regularmente a igreja. O sistema escolhido foi a amostragem ao acaso. De 450 igrejas e grupos, foram escolhidos 44 ao acaso, de três categorias: rural, 23; urbana, 16; étnica, 5. Dos registos destas 44 igrejas fo-

ram escolhidos, perfeitamente à sorte, cerca de 20 membros de cada e foi-lhes enviado o questionário pelo correio. A esses 850 participantes foi assegurado que as suas informações seriam estritamente confidenciais.

A resposta foi considerada satisfatória: 45,4% dos quais 51,7% de comunidades rurais, 40,2% de urbanas e 8,1% de étnicas; 57,9% mulheres e 42,1% homens. Eis um resumo dos resultados nas três áreas que mais preocupam a Igreja.

Aspecto da Família

Tal como se esperava, descobriu-se que os membros de igreja têm sido influenciados pela gradual mudança de atitudes em relação ao casamento e à vida familiar na sociedade que os rodeia e que, em grande medida, têm adoptado as suas estruturas familiares e os seus estilos de vida. Nas congre-

gações adventistas, as famílias constituídas por pais singulares [pai ou mãe que vive separado do seu cônjuge] representam 11% do total, enquanto as chamadas «famílias mistas» [cônjuges vivendo uma segunda união e com filhos de anteriores casamentos] constituem uma percentagem de 9%. Em relação a estas últimas, 9% dos inquiridos eram separados ou divorciados. Vale a pena reflectir sobre estes números, especialmente porque se trata de membros considerados «activos regulares».

Por outro lado, constatou-se que há uma larga percentagem de membros — 80% — que ainda vivem segundo as estruturas familiares tradicionais e aceitam os valores tradicionais da família. A percentagem de pessoas singulares na igreja não foi inquirida, mas descobriu-se que 16% tinham dei-

PIETRO COPIZ

xado a igreja. Verificou-se, também, que 51% das mães estão em casa.

Constituição das Famílias

As maneiras mais comuns de uma pessoa encontrar o seu futuro cônjuge são as actividades organizadas pela Igreja (30%), pela família e amigos (29%), ou programas sociais e escolares. Entre os adventistas há uma crescente tendência para encurtar os períodos do namoro: 65% dos namoros duram menos de dois anos e 34%, menos de um ano. Cerca de dois terços dos indivíduos inquiridos namoraram menos de um ano.

Um dos mais perturbantes aspectos revelados pelo inquérito é que 70% dos noivos nunca receberam qualquer espécie de preparação ou aconselhamento pré-marital, embora 65% desses casamentos tivessem sido celebrados por um pastor adventista.

Níveis de funcionamento no âmbito familiar

A maioria dos adventistas que responderam ao inquérito avaliaram positivamente as suas relações conjugais. Confiança, honestidade, afeição e organização foram as qualidades mais apreciadas na vida em comum. E indicaram como maiores fontes de conflito os seguintes aspectos:

1. Falta de comunicação e incapacidade de resolver conflitos e zangas: 20%.
2. Pressões financeiras: 15%.
3. Clarificação de funções e responsabilidades: 12%.
4. Regras e disciplina dos filhos: 11%.

Para as famílias mais jovens, as questões mais susceptíveis de gerarem conflitos (comunicações, regras, funções e dinheiro) são um pouco diferentes e apresentam-se na seguinte ordem: dinheiro, trabalho e relações sexuais. E por famílias mais jovens entendem-se os casais com menos de dez anos de casamento. Segundo o inquérito,

«a religião não parece constituir fonte de conflitos nas famílias até os seus adolescentes começarem a pôr em questão o sistema de crenças da família, ou até os pais ficaram desencantados com a sua própria fé e prática após a partida dos filhos, quando estes deixam o lar paterno.»

Embora a maioria das famílias assista em conjunto aos serviços da igreja e mostre desejar corresponder às necessidades dos filhos, embora os seus membros demonstrem geralmente a sua afeição uns pelos outros e sigam rituais de família, apenas 53% fazem diariamente um culto familiar. Do mesmo modo, 37% indicaram a sua tendência a ficar isolados e a não participarem quase nunca em actividades comunais.

Ao procurar definir o maior problema que a família adventista tem hoje de enfrentar, os inquiridos indicaram:

1. Baixa espiritualidade: 33%.
2. Falta de comunicação e diálogo: 11%.
3. Falta de empenhamento: 11%.

Conclusões e recomendações

Analisando estes resultados, temos de reconhecer que o perfil da família adventista identificada pelo inquérito estava acima das normas da sociedade contemporânea. Mas atenção: os inquiridos representavam o adventista «mais saudável», isto é, aquele que assiste regularmente à igreja e está activamente envolvido nos seus programas! A amostra era, por conseguinte, limitada e parcial, e não pode reflectir a situação de uma camada representativa da população adventista. Será melhor admitir que o actual perfil da família adventista na Austrália e Nova Zelândia difere muito menos do «mundo» do que aquilo que o inquérito poderia fazer supor.

O Pr. Bryan Craig, director do serviço Lar e Família da Divisão, fez as seguintes observações quando apresentou um sumário do inquérito:

1. Há necessidade urgente de implementar um programa educacional pré-marital, o qual

não deveria nunca ser reduzido a um curto curso intensivo exactamente antes do casamento.

2. A realidade de novas estruturas (pais singulares ou mistos) não pode ser ignorada e tem de ser reconhecida: deveriam desenvolver-se estratégias e modos de abordagem adequados para a igreja poder ir ao encontro das necessidades especiais destas famílias.
3. Muito mais deveria ser feito para «enriquecer os casamentos e para orientar e apoiar as famílias que se estão ajustando a conflitos e mudanças. Os indivíduos entre os 31 e os 44 anos de idade (com 10-20 anos de casamento) constituem um grupo em 'alto risco' na igreja. De acordo com o inquérito, a separação e o divórcio são mais passíveis de ocorrer durante este período.»
4. Os membros de igreja consideram o aconselhamento profissional competente em relação ao casamento e à família como das melhores medidas preventivas para ajudar o casamento e as famílias em dificuldade.
5. Seria desejável encontrar maneiras apropriadas e práticas para envolver os membros mais velhos num ministério que ajudasse a estreitar as relações que por vezes o fosso de gerações causa entre os membros de diferentes idades na igreja.
6. Deveriam realizar-se pesquisas adicionais para avaliar a extensão do impacto que a separação, o divórcio e a mudança de atitudes em relação à sexualidade tem tido sobre a família adventista.

Implicações para as Famílias Adventistas da Europa

Os dirigentes da Igreja e as famílias adventistas da Europa fariam bem em reflectir sobre os resultados deste inquérito, feito, embora, em regiões tão longínquas. A tendência dos membros de igreja de serem profundamente influenciados pelas mudanças que se operam na moderna sociedade

não pode ser ignorada. É apenas enfrentando a realidade que se pode propor e implementar um conjunto de acções coordenadas para resolver o problema. E a realidade diz-nos que as estruturas tradicionais da família se estão desintegrando rapidamente.

Que se deve fazer? Preparar os jovens para a vida de casados, treinar conselheiros familiares que possam ajudar os casamentos em crise, fortalecer a família e curar as feridas são algumas das mais óbvias respostas.

Cada responsável do serviço Lar e Família a nível das Uniões recebeu, no ano passado, excelente material preparado para levar a efeito seminários que teriam como título «Preparação para o Casamento». Em alguns países, esse material já foi traduzido e certamente os pastores estarão dispostos a aceitar a responsabilidade de organizar tais seminários ou programas similares nas suas igrejas, em colaboração com o responsável nacional do serviço Lar e Família.

«Eis que eu vos envio o profeta Elias antes que venha o dia grande e terrível do Senhor; e converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos aos seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição.»

Mal. 4:5, 6

A necessidade de conselheiros familiares qualificados torna-se cada vez mais evidente. Temos de fazer planos a longo curso para ter pessoas qualificadas que possam dar o seu contributo neste importante domínio e fazer face a esta crescente necessidade. Todavia, mesmo agora, há pastores que já assistiram a tais seminários e poderiam partilhar com outras famílias as bênçãos recebidas, e isto sem esperarem por um especialista. Os seminários sobre vida familiar não representam um remédio

SERVIÇO LAR E FAMÍLIA DA UNIÃO PORTUGUESA

Na programação de actividades do Responsável pelo Serviço Lar e Família da União existem já marcações de acções respeitantes a estes assuntos em várias igrejas. Pensamos, porém, que em determinados locais os respectivos pastores poderão desenvolver actividades complementares que procurem salvaguardar as estruturas da família, precavendo-a de qualquer colapso ou destruição.

Qualquer informação suplementar poderá ser solicitada ao Responsável da União pelo Serviço Lar e Família:

Dr. Daniel Esteves
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex

último para casamentos em crise; constituem antes um auxílio adequado para as famílias que desejam crescer no seu empenhamento de viver «no temor do Senhor».

Lares sofredores e lares quebrantados existem mesmo dentro da igreja, Não somos chamados a julgar, mas a ser instrumentos de Deus no ministério da cura. Quando uma família está em crise, as outras famílias não podem ficar indiferentes. É através de nós que o Senhor estende a Sua mão ajudadora. Quebraremos nós os laços da solidariedade? Há vidas eternas em jogo. Como vai a família, assim vai a igreja.

Que o Espírito do Senhor possa tocar os corações de todos os que querem viver e proclamar a última mensagem de Elias nas suas vidas (Mal. 4:5, 6). Eles certamente se empenharão em preparar e manter lares cristãos fortes para eles e para os seus companheiros de peregrinação. □

Pietro Copiz, responsável de Lar e Família e Departamental de Educação da Divisão Euro-Africana.

Parábola para Namorados

Ela estava namorando, e em breve se casaria. O entusiasmo do vestido de noiva era superado apenas pelo sonho de viver a vida toda perto do ser amado.

Cuidadosamente, ela e sua mãe percorreram as lojas da cidade, procurando o vestido mais bonito, até que acharam um lindo, de brilhante cetim, adornado com laços muito charmosos e pérolas decorativas. Ela levou o vestido para casa e, pendurando-o no seu quarto, começou a sonhar com o dia em que, vestida de branco, desfilaria pela igreja. Todos os olhares estariam fixos nela, os olhos do noivo brilhariam de admiração: seria a rainha da festa.

Mais ou menos um mês antes do casamento, ela não conseguiu resistir à tentação de experimentar o maravilhoso traje. O seu noivo disse-lhe que estava muito bonita e que a amaria sempre. Nos três fins de semana, antes do casamento, cada vez que o noivo a vinha visitar, ela experimentava o vestido.

Finalmente chegou o dia da cerimónia. Faltando uma hora para ir à igreja, ela tirou o vestido do guarda-roupa e, para tristeza sua, notou que tinha algumas manchas, e que um dos laços se estava desfazendo. Ficou triste e queixou-se à sua madrinha, pois o vestido havia perdido muita da sua beleza.

Mais tarde, ao desfilar na igreja, ao som da marcha nupcial, tentando encontrar nos olhos do noivo aquele brilho de surpresa, ficou frustrada porque não viu neles nem a admiração, nem a expectativa que sempre havia sonhado ver, naquele momento, nos olhos do amado.

— Eu o desapontei — disse de si para si. — Porque não fui capaz de esperar?

A. Bullón (RA Brasileira)

A MÃE, RAINHA DO LAR

A mulher deve ocupar a posição que Deus originariamente lhe designou de igualdade com o marido. O mundo necessita de mães que o sejam não meramente no nome, mas em todo o sentido da palavra. Podemos dizer com segurança que os deveres que distinguem a mulher são mais sagrados, mais santos, que os do homem. Compreenda a mulher a santidade da sua obra e na força e temor de Deus assuma a missão da sua vida. Eduque os seus filhos para serem úteis neste mundo e para o lar no mundo melhor.

A esposa e mãe não deve sacrificar a sua força e permitir que fiquem adormecidas as suas faculdades, dependendo inteiramente do marido. A sua individualidade não pode imergir na dele. Ela deve sentir que é igual ao marido — deve estar ao seu lado, fiel no seu posto de dever e ele no seu. A sua obra na educação dos filhos é em todos os respeitos tão elevada e nobre como qualquer posição de honra que ele seja chamado a ocupar, ainda que seja a de magistrado principal da nação.

O rei em seu trono não tem função mais elevada que a mãe. A mãe é a rainha do lar. Ela tem em seu poder o modelar o carácter dos filhos, para que estejam capacitados para a vida mais alta, imortal. Um anjo não desejaria missão mais elevada; pois ao fazer sua obra ela está realizando serviço para Deus. Compreenda ela tão-somente o elevado carácter de sua tarefa, e isto lhe inspirará coragem. Compreenda ela a dignida-



de da sua obra e tome toda a armadura de Deus, para que possa resistir à tentação de conformar-se aos padrões do mundo. A sua obra é para o tempo e para a eternidade.

A mãe é a rainha do lar e os filhos são os seus súbditos. Deve governar a casa sabiamente, na dignidade da sua maternidade. A sua influência no lar deve ser excelsa; a sua palavra, lei. Se é cristã, sob o governo de Deus se imporá ao respeito dos filhos.

Os filhos devem ser ensinados a considerar sua mãe, não como uma escrava cujo trabalho seja servi-los, mas como uma rainha que deve guiá-los e dirigi-los, ensinando-os linha a linha, preceito a preceito.

A mãe raramente aprecia sua própria obra, e frequentemente se põe tão baixo na estima do seu trabalho que o considera como servidão doméstica. Vive na mesma rotina dia a dia, semana a semana, sem nenhum resultado especialmente marcante. Ao fim do dia não pode ela dizer quanta coisa terá realizado. Posta em contraste com as conseqüências do marido, ela sente que nada fez digno de nota.

Frequentemente o pai chega com um ar satisfeito e orgulhosamente passa em revista o que realizou durante o dia. As suas observações mostram que ele agora espera ser servido pela mãe, pois ela não fez muito, excepto cuidar dos filhos, cozinhar o alimento e manter a casa em ordem. Ela não fez trabalho de feirante, não comprou

ELLEN G. WHITE

nem vendeu; não fez obra de agricultura, no amanho do solo; não trabalhou em mecânica — logo não pode estar cansada. Ele critica, e censura, e impõe, como se fora o senhor da criação. E isto é de tudo o mais probante para a esposa e mãe, porque ela de facto se cansou muito no seu posto de dever durante o dia, e no entanto não pode ver o que fez e está realmente descorçoada.

Pudesse o véu ser afastado e o pai e a mãe verem como Deus a obra do dia, e como Seus olhos infinitos comparam a obra de um com a do outro, e ficariam atónitos ante a revelação celestial. O pai haveria de olhar o seu trabalho em mais modesta luz, enquanto a mãe ganharia nova coragem e energia para persistir no seu trabalho com sabedoria, perseverança e paciência. Agora ela conhece o seu valor. Enquanto o pai tem estado a tratar com coisas que devem perecer e passar, a mãe trata com o desenvolvimento de mentes e caracteres, trabalhando não apenas para o tempo, mas para a eternidade.

O Seu Trabalho é Indicado por Deus

Que cada mãe compreenda quão grandes são os seus deveres e as suas responsabilidades e quão grande será a recompensa da fidelidade.

A mãe que alegremente assume os deveres que jazem directamente no seu caminho sentirá que a vida para si é preciosa, porque Deus lhe deu uma obra a realizar. Nesta obra ela não precisa necessariamente de comprimir o espírito nem permitir que seu intellecto se debilite.

O trabalho da mãe é-lhe dado por Deus, para que crie os filhos na doutrina e admoestação do Senhor. O amor e temor de Deus devem estar sempre diante do seu tenro espírito. Quando corrigidos, devem ser ensinados a compreender que são admoestados por Deus, que Ele não tem prazer no engano, na mentira e nas más acções. Assim a mente dos pequenos pode estar tão associada com Deus que tudo o que eles disse-

rem e fizerem será em atenção à Sua glória; e no futuro eles não serão como uma cana ao vento, oscilando, entre a inclinação e o dever.

Levá-los a Jesus não é tudo quanto se requer.... Esses filhos devem ser educados e treinados para se tornarem discípulos de Cristo, a fim de que «os nossos filhos sejam como plantas bem desenvolvidas na sua mocidade; para que as nossas filhas sejam como pedras de esquina lavradas, como colunas de um palácio.» Esta obra de modelar, refinar e polir pertence às mães. O carácter da criança deve ser desenvolvido. A mãe deve gravar na plaqueta do coração lições perduráveis como a eternidade; e acarretará sem dúvida sobre si o desprazer do Senhor se negligenciar a sua sagrada obra ou permitir que outros nela interfiram.... A mãe cristã tem a sua obra apontada por Deus, a qual não negligenciará se estiver intimamente associada com Deus e imbuída do Seu Espírito.

Há oportunidades de inestimável valor, interesses infinitamente preciosos, confiados a toda a mãe. A humilde rotina dos deveres que as mulheres têm vindo a considerar como uma fastidiosa tarefa, deveria ser encarada como uma obra grandiosa e nobre. É privilégio da mãe abençoar o mundo pela sua influência, e fazendo isto trará alegria ao seu próprio coração. Ela pode fazer rectas veredas para os pés dos seus filhos, através da claridade e sombra, em direcção às alturas gloriosas do Céu. Mas unicamente quando procura em sua vida seguir os ensinamentos de Cristo, é que a mãe pode esperar formar o carácter dos seus filhos segundo o modelo divino.

No meio a todas as actividades da vida são os filhos o mais sagrada dever da mãe. Mas quantas vezes não é este dever posto de lado para que seja satisfeito algum desejo egoísta! Os pais estão encarregados dos interesses presentes e eternos dos seus filhos. Devem sustentar as rédeas do governo e guiar a sua casa para honra de Deus. A lei de Deus deve ser a sua norma e o amor deve reger todas as coisas.

Esculpindo à Semelhança da Divindade

Existe um Deus em cima no Céu, e a luz e glória do Seu trono repousam sobre a fiel mãe enquanto ela se esforça por educar os filhos para resistirem à influência do mal. Nenhuma outra obra se pode comparar à sua em importância. Ela não tem, como o artista, de pintar na tela uma bela forma, nem, como o escultor, de cinzelá-la no mármore. Não tem, como o escritor, de expressar um nobre pensamento em eloquentes palavras, nem, como o músico, de exprimir em melodia um belo sentimento. Cumpre-lhe, com o auxílio divino, gravar na alma humana a imagem de Deus.

A mãe que sabe apreciar isso há de considerar as oportunidades que se lhe oferecem como inestimáveis. Zelosamente há-de ela procurar, no seu próprio carácter e nos seus métodos de educação, apresentar aos filhos o mais elevado ideal. Com zelo, paciência e ânimo, há-de ela procurar desenvolver as suas aptidões, de modo a que empregue devidamente as mais altas faculdades da sua inteligência na educação dos filhos. Há-de inquirir, com sinceridade, a cada passo: «Que disse Deus?» Estudará diligentemente a Sua Palavra. Conservará os olhos fixos em Cristo, a fim de que a sua vida diária, no humilde curso dos cuidados e deveres, seja um verdadeiro reflexo da única Vida verdadeira.

Que toda a mãe sinta serem inapreciáveis os seus momentos; a sua obra será provada no dia soleado do ajuste de contas. Achar-se-á então que muitos dos fracassos e crimes de homens e mulheres resultaram da ignorância ou negligência daqueles cujo dever era guiar seus pés infantis no caminho direito. Ver-se-á então que muitos que têm abençoado o mundo com a luz do génio, da verdade e santidade, devem os princípios que foram a mola mestra de sua influência e êxito a uma mãe cristã, que orava.

[O Lar Adventista, pp. 231-237, ed. Publicadora Atlântico, S.A.R.L.]

Elevando a carreira profissional de Esposa e Mãe

Certamente já aconteceu a algumas esposas e mães sentirem-se embaraçadas com a seguinte pergunta: Qual é a sua profissão? E a grande maioria terá provavelmente respondido: Oh, eu não trabalho. Estou em casa!

É tempo de elevarmos o estatuto de esposa e mãe à excelsa posição que realmente lhe cabe, porque cuidar da sua casa a criar os seus filhos é a mais importante tarefa a que um ser humano possa aspirar. Educar tem efeitos profundos, duradouros e importantíssimos, a longo termo. E é uma carreira profissional que não admite substituições: estas apresentarão geralmente lacunas.

Todavia, na nossa sociedade, a função de mãe tem sido relegada para uma posição de baixo estatuto, dado que não se mede pelos padrões geralmente usados para as outras profissões. Por exemplo, muitas pessoas pensam que quanto mais elevado é o salário, mais importante é o cargo que se desempenha. Ora, não há salário para o cargo de pai e mãe, e educar filhos não é geralmente considerado um trabalho. Posições de elevado estatuto social exigem anos de preparo e experiência. Para se ser mãe nem sequer é preciso ter a instrução primária. E quanto a horário? Criar filhos é um tra-

balho de 24 horas por dia, sem ausências por doença ou férias!

Que se passa quanto à estabilidade de emprego? Ser pai e mãe é um trabalho que dura apenas vinte anos, pouco mais ou menos — pelo menos a tempo inteiro! As possibilidades de extensão ao estatuto de avós são bastante limitadas.

Autoridade? Poder? Sim, há alguma autoridade ligada à carreira profissional de mãe, mas é só exercida sobre menores. E para cúmulo, esta espécie de emprego não oferece quaisquer garantias de assistência em idade avançada!

Se ser esposa e mãe — ser marido e pai — é uma função de elevado estatuto social, então tem de ser avaliada por critérios totalmente diferentes destes. Teremos de considerar o valor do produto final: nada há que se possa comparar ao valor da vida de um filho! E quanto a benefícios sociais? Em que outro emprego se pode receber a rica recompensa que um filho nos dá quando, com um malmequer silvestre na mão, nos diz: «Mamã, tu és a melhor mãe do mundo»?

É importante que as mães considerem a sua carreira profissional como possuindo um elevado estatuto, porque a sua atitude quanto a este emprego afectará o seu comporta-

mento. E aqui, refiro-me particularmente à mãe que não trabalha fora, que não tem outro emprego senão este — ser esposa e mãe — e a ele se consagra a tempo inteiro. Não há qualquer razão para que tais mulheres se sintam inferiorizadas e pensem em si como «não tendo outro emprego senão este». Se considerarem a sua carreira de esposas e mães como um trabalho a que se dedicam por não terem outro, então acabarão por julgá-lo indigno do seu tempo e esforços e vê-lo-ão como um trabalho de segunda ordem!

Um novo Título

A primeira coisa que tais mulheres têm a fazer, se desejam elevar o seu estatuto de mães de família, é deixar de se referir a si mesmas como «simples donas de casa», ou, como algumas vezes se ouve, «domésticas». Ser dona de casa, ser esposa e mãe é uma carreira muito complexa e multifacetada. Em que outro trabalho se espera de alguém que acumule funções tão diversas como as de ama, professora, cozinheira, motorista, jardineira, enfermeira, administradora, encarregada das limpezas e conselheira?

Kate Hanson, que gostava do seu trabalho de esposa e mãe, decidiu fa-

zer algo para elevar o seu baixo estatuto social. Ser «apenas» dona de casa não era para ela! Por isso decidiu passar a chamar-se «especialista de administração e relações familiares». Sem dúvida que este novo título descrevia as suas funções de mãe de família, mas além disso, dava-lhe aquele toque profissional que as palavras sugeriam e tão bem lhe soava!

Na primeira vez que ela o usou, encontrava-se num grupo de senhoras em que algumas tinham importantes carreiras profissionais. Kate ouvia-as gabar os seus gloriosos empregos. Então, alguém lhe perguntou:

— E tu, Kate, que fazes?

Sem hesitar e com um sorriso de entusiasmo, ela respondeu:

— Sou especialista de administração e relações familiares.

— Parece interessante. E quais são as tuas funções?

— Bom, disse Kate, priorizo alvos e objectivos no âmbito da constelação familiar, planifico programações para alcançar esses objectivos de acordo com as necessidades individuais dos membros. Organizo o espaço habitacional e milito pela defesa do ambiente e ordenação da associação familiar. Neste preciso momento estou empenhada na resolução de um conflito entre duas partes diferentes em idade e posição. É um trabalho estimulante e um verdadeiro desafio!

— Ui! Exclamou uma das senhoras. Parece que nesse emprego dispõe de grande poder de decisão!

— Oh, sim! respondeu Kate.

— E onde trabalha?

— Neste momento a minha base de operações é em minha própria casa. Acho que neste aspecto tenho bastante sorte! As outras mulheres concordaram.

— O meu maior cliente é a associação Hanson. Até agora eles têm-me dado imenso trabalho e por isso ainda não consegui desligar-me deles. Mas de qualquer modo, estou satisfeita onde me encontro.

Mais tarde, uma das senhoras do grupo falou particularmente com Kate e comentou:

— Não fazia nenhuma ideia do teu trabalho! Quem me dera um emprego como o teu! E eu a julgar que tu eras apenas uma dona de casa!

Kate sorriu:

— Também eu pensava assim. Mas agora sei que não é verdade... porque o teu emprego é aquilo que desejas que seja. Acho que uma mulher esposa e mãe deveria ter o mais elevado estatuto profissional do país e em muitos casos o seu mais importante e imediato campo de acção é o seu próprio lar!

Aspecto e atitude de uma profissional

A segunda coisa que se tem a fazer para elevar a carreira de mãe de família é parecer e agir como uma profissional.

Amélia era uma das tais «especialistas de administração e relações familiares» que, embora gostasse do seu trabalho, lutava com sentimentos de inferioridade. Sentia-se uma trabalhadora de segunda classe quando olhava para as outras mulheres que tinham empregos fora de casa. Os seus cabelos estavam sempre impecavel-

mente arranjados, as suas roupas eram elegantes, tinham as unhas tratadas e tudo isso lhe parecia sinais de que elas tinham definido impacto no mundo dos negócios, enquanto que ela, Amélia, passava o dia dividida entre dois miúdos que se sujavam, choramingavam quando tinham sono e batiam um no outro quando bem lhes parecia.

Então, um dia, num desses raros momentos de sonhar acordada, quando ela pensava em arranjar um emprego fora e juntar-se às fileiras das mulheres-trabalhadoras,



viu um livro intitulado *Working-Mothers* [Mães-Trabalhadoras] (1) e começou a dar-lhe uma vista de olhos. Ficou impressionada com a ideia de que ser mãe de família, dona de casa, poderia constituir uma carreira profissional, por opção ou circunstâncias da vida.

«Bom», disse ela, olhando-se ao espelho, se eu fosse uma ama profissional ganharia 30 000 dólares por ano, ou seja 2 140 dólares por mês [cerca de Esc. 286 000\$00, nos Estados Unidos], e certamente não me apre-

sentaria assim em lugar nenhum. Nem esta casa teria este aspecto!» Amélia decidiu então que algumas mudanças se impunham.

Em primeiro lugar, decidiu mudar o seu aspecto exterior, de forma a parecer de facto uma profissional. Na manhã seguinte levantou-se um pouco mais cedo e fez de conta que tinha de sair para trabalhar num emprego altamente remunerado. Fez 15 minutos de exercício físico, tomou duche, arranjou cuidadosamente o cabelo e o rosto e vestiu-se de modo atraente e ele-

nham de ser reorganizados. Nenhuma cozinheira profissional admitiria trabalhar em tal desordem! O quintal precisava de ser limpo e era preciso estipular um dia para isso em vez de esperar pela disposição para tal trabalho. A seguir, Amélia sentou-se um pouco para brincar com os seus filhos. É claro que todas as amas profissionais o fariam, mas até então, admitiu ela, brincar com os miúdos não tinha sido uma prioridade para ela.

Nesse dia, Amélia registou todas as suas actividades e isso lhe deu grande satisfação. É que quem visse a desordem do quarto dos brinquedos poderia pensar que ela passara o dia de braços cruzados!

Gostaria de dizer que a partir desse dia, parecendo e actuando como uma profissional, Amélia viveu sempre feliz e contente, completamente realizada como dona de casa profissional, mas tal não aconteceu. De vez em quando, ela tinha os seus dias maus. Como nós todos, aliás. Mas a verdade é que a sua vida melhorou e melhorou bastante. Amélia sentia-se mais satisfeita. Ver o seu trabalho como a mais importante carreira profissional do mundo operara uma grande transformação na sua vida, no seu aspecto e atitude!

Donas de casa, porque não elevar a vossa carreira de esposas e mães a «especialistas de administração e relações familiares»? E a seguir, passar a ter o aspecto e atitudes de uma *mãe profissional*, isto é, aquela que se consagra por inteiro à sua missão de educadora, à qual compete o mais elevado estatuto social.

gante. O marido e os filhos olharam para ela e perguntaram:

— Onde vais hoje?

— Trabalhar, disse ela.

É que fui promovida no meu emprego. Acabou-se o trabalho de segunda classe para mim. A partir de agora sou uma profissional de primeira!

Durante o dia, Amélia procurou fazer cada tarefa como se de facto fosse paga para isso. Começou por estabelecer uma lista das mudanças que necessitavam de ser feitas. Os armários da cozinha ti-

(1) Livro escrito também por Kay Kuzma.

Um jovem advogado de grande êxito disse um dia:

— O maior presente que eu recebi foi um que o meu pai me deu num Natal. Era uma pequena caixa e dentro tinha um bilhete a dizer: «Filho, este ano vou dar-te 365 horas, uma hora cada dia, depois do jantar. É tua, essa hora. Iremos onde quiseres ir, falaremos do que quiseres falar, jogaremos ao que quiseres jogar. Será a tua hora.» O meu pai não só cumpriu a sua promessa, mas renovou-a todos os anos e essa foi a maior oferta em toda a minha vida! Eu sou o resultado dessas horas que ele investiu em mim.

Muitos de nós desejam ser bons pais e compreendem a importância de passar tempo com os filhos. Mas poucos dispõem de uma hora por dia para dar aos seus filhos. Por onde começar? Descubri duas maneiras que me têm ajudado a aprofundar o meu relacionamento com os meus três filhos. Dão resultado no meu caso e pode ser que deem também resultado no vosso.

Em primeiro lugar, sempre que estou à noite em casa, os meus filhos sabem que podem pedir e receber uns momentos a sós com o pai. É geralmente um período de 15 a 30 minutos em que ficamos sozinhos. Podemos ler um livro, arranjar um brinquedo partido, assobiar ou ir dar uma volta.

Em segundo lugar, cada um dos meus filhos tem direito, semanalmente (ou mensalmente, depende da minha vida profissional), a um passeio com o pai. Podemos sair para ir tomar um refresco, para apanhar ar, jogar mini-golfe ou fazer qualquer outra coisa. Geralmente, procuramos descobrir al-



Sózinho com o Pai

go de que gostemos ambos. O importante, nestas saídas, não é gastar dinheiro, mas passar algum tempo juntos, os dois sozinhos. E faço isto com cada um dos meus filhos.

Os garotos adoram sair sozinhos comigo e bem me lembram quando me esqueço.

Nos momentos que passamos juntos, nós temos oportunidade de construir a nossa amizade, que eu espero venha a crescer e a amadurecer nos anos vindouros. Falar agora de «pequenas» coisas preparará, sem dúvida, o terreno para mais tarde falarmos de «grandes» coisas. Estes momentos também me têm ajudado a mim, a colocar as tensões geradas pelas responsabilidades profissionais e familiares numa outra perspectiva.

Mas o mais importante é que os meus rapazes estão a aprender que o pai quer ter uma relação de companheirismo com eles e que está à sua disposição quando eles quiserem

ou precisarem dele. Eu espero que eles transfiram o relacionamento de amizade que têm com este pai para o relacionamento com o seu Pai Celestial, sentindo que também Ele deseja ter uma relação de companheirismo com eles. Que maior dom poderá um pai dar aos seus filhos?

O Dr. Ross Campbell, no seu excelente livro *How to Really Love Your Child* [Como amar realmente o seu filho], relata a história de uma anotação encontrada no diário de um grande humanista que um dia levou o filho à pesca. O pai lamentava esse dia, que considerava como total perda de tempo, porque o filho parecia aborrecido e preocupado. E acrescentava que talvez nunca mais levasse o filho a pescar. Muitos anos mais tarde, um historiador encontrou esse diário e também o diário feito pelo filho desse homem. Comparou então as anotações referentes a esse dia e descobriu que,

segundo o filho, aquele dia tinha sido um dia extraordinário. Porquê? Porque o passara sozinho com o pai!

As crianças talvez não sejam capazes de verbalizar o que sentem acerca de passar tempo com os pais. Podem até, ao princípio, sentir-se embaraçadas, especialmente se isso for para elas uma nova experiência. Precisamos de ser sensíveis aos sentimentos dos nossos filhos e não esperar deles que reajam como adultos. Quer a criança corresponda ou não ao que dela esperamos, temos de compreender a importância do que estamos fazendo e, acima de tudo, continuar a fazê-lo.

Não podemos ser pais perfeitos, mas isso não deveria impedir-nos de nos esforçarmos por ser bons pais. Não podemos, e talvez não devamos, investir todo o nosso tempo com os filhos. Mas é impossível instruir a criança, «no caminho em que deve andar» (Prov. 22:6) sem passar algum tempo com ele, ou ela.

Gastar tempo com os nossos filhos é um investimento sábio. Sócrates bem poderia dirigir-se à nossa geração de pais quando proferiu as seguintes palavras: «Se eu pudesse subir aos mais altos lugares de Atenas, levantaria a minha voz e proclamaria: Companheiros cidadãos, porque voltais e esgaravatais cada pedra em busca de riqueza e fazeis tão pouco caso dos vossos filhos, a quem um dia tudo deveis ceder?»

George Hoherd, pastor da Igreja Baptista, é responsável pela área de Educação e Família em Vancouver. Artigo escrito para *Family Life Today*, vol. 12, n.º 8, 1986.

GEORGE HOHERD



O comportamento dos nossos filhos pode mudar

Muitos pais pensam que se forem suficientemente sábios, suficientemente espertos e suficientemente habilidosos, conseguirão resolver quase todos os problemas de comportamento dos filhos. Mas isso não é verdade. Por mais estratégias que se usem, alguns problemas ultrapassar-nos-ão sempre e não seremos capazes de os controlar.

A razão é porque os jovens — crianças, rapazes e meninas — têm duas espécies de problemas: *Problemas situacionais*,

que podem ser resolvidos modificando de algum modo a situação ou as circunstâncias, e *problemas pessoais*, que só podem ser solucionados quando a pessoa que os tem decide mudar.

Problemas comportamentais

A maioria dos primeiros problemas comportamentais são problemas situacionais. Podem ser resolvidos indo ao encontro das necessidades do nosso filho antes mesmo de ele ter de se portar mal

para obter o auxílio de que precisa. Noutros casos, porém, a situação é mais complexa e temos de tomar em mão o problema, resolvendo-o através da disciplina. Eis alguns problemas situacionais comuns e suas soluções:

O bebé chora: a mãe muda-lhe a fralda. O choro pára.

O miúdo atira a comida sobre a mesa: tira-se-lhe o prato e não há mais dramático sobre a mesa.

Eu e o meu marido, Jan, tivemos de enfrentar um problema situacional típico com a nossa filha Carina, de três anos. Ela, que era uma criança tão feliz e risonha, mudou de um dia para o outro. Tornou-se difícil viver com a sua atitude negativa e contraditória. Parecia que ela fazia de propósito coisas que nos forçavam a ter de repreendê-la.

Depois de ter compreendido que a nossa actuação com ela era sempre acusatória e crítica, Jan decidiu tornar-se seu aliado. Eu continuaria a corrigi-la quando fosse necessário. Mas Jan faria o papel de advogado e protector de Carina, e ambos faríamos questão em recompensar o seu comportamento positivo.

Carina não sabia nada desta combinação, claro. Mas dois dias depois já ela andava a dançar à volta do pai, dizendo: «Ó meu papázinho, eu gosto muito de ti!»; «Papá, podemos ir à rua, os dois?», «Papá, quero que te sentes ao pé de mim!»

E deste modo, a nossa pequena descontente desapareceu e tínhamos de novo a sua alegria e carinho.

Ao analisarmos a atitude

de de Carina, sentimos que não era um problema dela, mas um problema situacional que se fora agravando pelo nosso modo de tratar com ela. Ela portava-se mal, nós corrigíamos e ela continuava a comportar-se cada vez pior. O plano de ataque era alterar a situação, e alterando-a, o problema foi rapidamente resolvido.

Se nós tivéssemos feito um mau diagnóstico do problema, teríamos provavelmente duplicado os nossos esforços para a reprimir e corrigir e, sem o saber, estaríamos contribuindo para aumentar o seu problema.

Lidando com problemas profundamente instalados

Problemas situacionais, que poderiam ser facilmente resolvidos com uma mudança das circunstâncias envolventes, podem tornar-se profundamente instalados e afectar cada aspecto da vida de uma criança ou jovem. Isto é especialmente verdade quando os problemas se transformam em hábitos.

Quanto mais tempo se tolerarem acções inapropriadas, mais elas se tornarão parte do comportamento espontâneo da criança. Quando isso acontece, nenhuma pressão ou manipulação dos pais, nenhum plano ou castigo darão resultados. A mudança só terá lugar depois da criança decidir mudar. É neste momento — quando a criança quer mudar — que uma lembrança motivacional poderá ser útil. Pelo menos foi isso que aconteceu com...

O problema de Henrique

Com as outras pessoas, Henrique era um santo. Mas com os irmãos — irmãos mais novos — lá se ia toda a santidade do Henrique! Não parava de se meter com eles, arreliá-los sem dó nem piedade, até que toda a família ficava aborrecida. Não era nada divertido ter o Henrique por perto.

A mãe ficava fora de si. Sabia que tinha de fazer algo para levar o Henrique a mudar de atitude e a acabar com os remoques trocistas, trocando-os por palavras bondosas. Quando o Henrique era mais novo e se metia com os irmãos, a mãe tentara corrigi-lo: mandava-o de castigo para o quarto sozinho ou, quando isso não dava resultado, fazia-o dizer três coisas simpáticas por cada coisa ruim que tinha dito a essa mesma pessoa.

A mãe de Henrique experimentara também privá-lo de certos privilégios. Uma vez, ficou sem bicicleta durante um mês inteiro, mas não deu resultado: ele decidiu andar de monopatins (skate)!

A medida que Henrique foi crescendo, ele compreendeu que gozar as pessoas, arreliá-las, fazer, fere-lhes os sentimentos, e isso não era uma coisa que ele quisesse mesmo fazer. Só que não conseguia parar com esse hábito de se meter com os outros.

Foi então que a mãe compreendeu que o problema do Henrique era, de facto, um *problema do Henrique*. Ele mesmo admitiu que gostaria de mudar, mas não conseguia. Surgiu então a ideia da lembrança motivacional.

Sem nada dizer ao Henrique, a mãe comprou a bola de basebol com que ele sonhava, mandou colocá-la numa caixa,

embrulhá-la com um belo papel e atá-la com um laço. Disse então ao Henrique que na caixa estava uma coisa de que ele muito gostava, mas que a única maneira de ganhar o direito a abrir o embrulho era convencer a família de que meter-se com os outros deixara de fazer parte do seu comportamento.

O embrulho foi colocado em cima do frigorífico, onde era constantemente visto pelo Henrique.

Henrique ainda «escorregou» algumas vezes, mas quando se lembrava do embrulho, parava. E os irmãos e irmã também ajudavam. Quando ele se começava a meter com um deles, os outros diziam: «Henrique, lembra-te do presente!» E ele pedia desculpa.

Quando falei com a mãe do Henrique, havia dois meses que o pacote se encontrava em cima do

frigorífico! Henrique fizera grandes progressos e ela achava que em breve a família iria votar permitir ao Henrique abrir o seu presente.

Porque é que um presente embrulhado deu tão bons resultados? É que o Henrique já tinha, ele próprio, decidido mudar. Ele queria mudar, mas faltava-lhe uma motivação. Ver todos os dias o seu presente em cima do frigorífico fê-lo desejar mudar mais depressa.

Aumentar a disciplina não dá resultado

Uma vez que um problema pessoal só pode ser resolvido pela própria pessoa que o tem, a sua abordagem tem de ser diferente. Em vez de aumentar a disciplina, como os pais frequentemente fazem, os seus esforços deveriam antes ir no sentido de ajudar a criança a ganhar suficiente coragem, determinação e autoconfiança para eles próprios fazerem algo para o resolver. A auto-estima é essencial. A menos que uma criança, ou um jovem, sinta que é capaz de mudar, não é possível que ocorra uma mudança.

E agora dirijo-me a si, prezado Leitor, pai e mãe: Se já tentou uma dúzia de métodos para conseguir que o seu filho pare com determinado comportamento negativo e nada conseguiu, admita a sua derrota e experimente esta nova abordagem:

1. Fale com o seu filho (ou filha) acerca do problema. Fale francamente e ajude-o a reconhecer que é de facto um problema. Aponte-lhe os efeitos negativos que tal comportamento lhe acarretará.

2. Diga ao seu filho que está disposto a ajudá-lo — mas só se ele quiser

Importância da atenção total para a Comunicação

Harold Drake, que foi professor de biologia em Solusi, diz-nos como é importante prestar total atenção para que a comunicação seja boa. «A nossa filha Cheryl Lee muitas vezes queria conversar exactamente quando me encontrava sentado confortavelmente, absorvido pelo mais interessante capítulo de um livro.

— Papá, começava ela, e sem levantar os olhos da página que estava a ler, respondia-lhe:

— Han? Ah!

— As meninas da escola querem reunir-se em casa da Sally e...

Então fazia uma pausa e, vendo que eu continuava absorvido pela lei-

tura, dizia com firmeza:

— Papá, não me estás a escutar!

— Estou, sim, respondia eu, levantando levemente os olhos, e, para o provar, repetia:

— Disseste qualquer coisa sobre uma reunião em casa da Sally.

Então ela continuava.

— Bem, vai ser no sábado à noite e eu queria saber se não te importavas que... Então, papá, estás-me a ouvir?

— Sim, querida, estou.

— Então fecha o livro!

E, fixando-me bem nos olhos, acrescentava:

— E tira o dedo do livro!»

mudar e procurar o seu auxílio! Pode acontecer que uma lembrança motivacional seja tudo quanto ele precisa para lhe dar o desejo de vencer esse mau hábito ou defeito.

3. Comece a construir a auto-estima do seu filho. Encha a sua taça de amor. Encorage. Anime. Em vez de repreensão e disciplina, tente uma abordagem diferente, pois essa é agora necessária. Só gente com uma elevada dose de auto-estima tem a coragem de admitir os seus erros e possui a força necessária para os vencer.

Pais: Não podeis fazer os vossos filhos perfeitos! Não se sintam, por isso, culpados ou embaraçados pelos comportamentos que não podem controlar. Fazem uma injustiça aos vossos filhos se aceitarem as culpas por um problema que é, de facto, deles. Ajudai-os antes a ver que são eles os construtores da suas próprias personalidades. São eles que podem escolher as características que querem desenvolver. Algumas vezes, talvez eles sintam, como o apóstolo Paulo, que fazem o que não queriam fazer e não fazem o que queriam fazer. Mas Cristo pode dar-lhes a coragem e o domínio próprio necessários para modificarem o seu comportamento — se Lhe pedirem auxílio.

Portanto, se os nossos filhos têm problemas pessoais e desejam resolvê-los, animemo-los a agarrarem-se à promessa de Marcos 10:27: «Para Deus todas as coisas são possíveis.»

Kay Kuzma, doutora em Educação, é especialista em desenvolvimento infantil e é autora de uma dezena de livros sobre esse tema. *Family Life Today*, vol. 12, n.º 8, 1986.



A Religião em Família

Religião em família consiste em criar os filhos na doutrina e admoestação do Senhor. Cada membro na família deve ser nutrido pelas lições de Cristo, e o interesse de cada alma deve ser estritamente guardado, a fim de que Satanás não engane e afaste com seduções para longe de Cristo. Esta é a norma que cada membro da família deve ter em vista alcançar, e devem estar determinados a não fracassar nem se desanimar. Quando os pais são diligentes e vigilantes em sua instrução, e educam os filhos tendo em vista a glória de Deus, cooperam com Deus, e Deus coopera com eles na salvação das almas das crianças

por quem Cristo morreu.

Instrução religiosa significa muito mais que instrução comum. Significa que deveis orar com os vossos filhos, ensinando-lhes como se aproximar de Jesus e contar-Lhe todas as suas necessidades. Significa ainda que deveis mostrar na vossa vida que Jesus é tudo para vós, que o Seu amor vos torna paciente, bondoso, perdoador e não obstante firme em ordenar a vossos filhos depois de vós, como fez Abraão.

Tal como vos conduzis em vossa vida no lar, sois registados nos livros do Céu. Aquele que espera tornar-se um santo no Céu deve primeiro tornar-se santo em sua família.

Se os pais e as mães são fiéis cristãos em família, serão membros prestimosos da igreja e aí capazes de conduzir as actividades bem como na sociedade, segundo a maneira como conduzem o que concerne à família. Pais, não permitais que a vossa religião seja simplesmente uma profissão, mas sim uma realidade.

A Religião Deve ser Parte da Educação do Lar

A religião no lar é terrivelmente negligenciada. Homens e mulheres mostram o maior interesse em missões estrangeiras. Dão liberalmente para es-

ELLEN G. WHITE

se fim e procuram satisfazer a sua consciência na suposição de que dando para a causa de Deus expiam a sua negligência de dar um exemplo correcto no lar. Mas o lar é o seu campo especial, e nenhuma desculpa é aceita por Deus pela negligência deste campo.

No lar em que a religião é coisa prática, grande bem é realizado. A religião levará os pais a fazer exactamente a obra que Deus lhes designou que fizessem no lar. Os filhos serão criados no temor e admoestação do Senhor.

A razão por que a juventude actual não é mais inclinada para a religião é que sua educação é defeituosa. Não se exerce para com os filhos verdadeiro amor quando se lhes permite tolerar paixões ou quando a desobediência a vossas determinações é deixada sem punição. Quando a vergõntea é torta a árvore cresce inclinada.

Se se espera que a religião influencie a sociedade, deve ela influenciar primeiro o lar. Se os filhos forem ensinados no lar a amar a Deus e a temê-lo, quando saírem para o mundo estarão preparados para educar as suas próprias famílias para Deus, e assim o princípio da verdade será implantado na sociedade e exercerá influência marcante no mundo. A religião não deve estar divorciada da educação do lar.

A Religião no Lar Precede a Religião na Igreja

No lar é posto o fundamento da prosperidade da igreja. As influências que regem a vida no lar são levadas para a vida da igreja; portanto os deveres

paroquiais devem começar no lar.

Quando tivermos bom lar religioso teremos boas reuniões religiosas. Sustentai a fortaleza do lar. Consagrai a vossa família a Deus, e então falai e agi em casa como cristãos. Sede bondosos, longânimos, pacientes no lar, sabendo que sois professores. Cada mãe é uma mestra, e toda a mãe deve ser aluna na escola de Cristo, a fim de poder saber como ensinar e poder dar a moldagem correcta e a correcta forma de carácter a seus filhos.

Onde há falta de religião no lar, de nada vale profissão de fé.... Muitos estão-se enganando a si mesmos por pensar que o carácter será transformado na vinda de Cristo, mas não haverá conversão de coração no Seu aparecimento. Temos que nos arrepender dos nossos defeitos de carácter aqui, e pela graça de Cristo precisamos vencê-los enquanto dura a graça. Este é o lugar para nos prepararmos para a família do Alto.

É grandemente necessária a religião no lar, e nossas palavras aí devem ser de um justo carácter, ou os nossos testemunhos na igreja de nada valerão. A menos que manifesteis mansidão, bondade e cortesia no lar, a vossa religião será vã. Se houvesse mais genuína religião doméstica, mais poder haveria na igreja.

Terrível Engano Procrastinar a Instrução Religiosa

É coisa muito grave deixar que os filhos cresçam sem o conhecimento de Deus.

Os pais cometem um terrível erro quando negli-

genciam a obra de dar a seus filhos instrução religiosa, pensando que tudo resultará bem no futuro, e que ao se tornarem mais velhos estarão ansiosos por uma experiência religiosa. Não vêdes, pais, que se não plantardes a preciosa semente da verdade, do amor, dos atributos celestiais, no coração, Satanás semeará o campo do coração com joio?

Muitas vezes é permitido às crianças crescer sem religião, porque os pais pensam que são demasiado jovens para ter sobre si deveres cristãos....

A questão de deveres dos filhos no que respeita a matéria religiosa deve ser decidida de maneira absoluta e sem hesitação enquanto são membros da família.

Os pais estão no lugar de Deus em relação aos filhos, a fim de dizer-lhes o que devem e o que não devem fazer, com firmeza e perfeito domínio próprio. Cada esforço por eles feitos com bondade e autodomínio cultivará em seu carácter os elementos de firmeza e decisão.... Pais e mães estão presos

ao dever de estabelecer esta questão bastante cedo para que a criança não pense em quebrar o sábado, em negligenciar o culto religioso e a oração em família mais do que pensaria em roubar. Os pais devem, com as suas próprias mãos, construir a barreira.

Desde a mais tenra idade uma educação sábia nos moldes cristãos deve começar a ser levada avante. Quando o coração das crianças é susceptível de impressão, deve-se-lhes ensinar sobre as realidades eternas. Os pais devem lembrar que estão vivendo, falando e agindo na presença de Deus.

Pais, que procedimento estais adoptando? Estais agindo com base no pensamento de que em assuntos religiosos devem vossos filhos ser deixados livres de qualquer restrição? Estais deixando-os sem conselho ou admoestação através da meninice e juventude? Estais permitindo que façam o que bem lhes apraz? Se assim é, estais negligenciando as responsabilidades que Deus vos deu.



CHAMEI-VOS AMIGOS

Tema

Por intermédio de uma maior abertura na comunicação, pode conseguir-se um mais profundo sentimento de amizade e intimidade nas famílias, quer no lar quer na igreja.

Textos bíblicos

Texto-chave: João 15:15
Efésios 2:16, 19
I João 2:2
Mateus 12:48-50
Tiago 1:19
Provérbios 18:13

Citações de E. G. White

«Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo.» — *Aos Pés de Cristo*, 6.^a ed., pág. 97.

«A sua esposa retrai-se de lhe revelar todas as emoções da alma, porque o irmão tem desdenhado dos sentimentos dela; tem-lhe ridicularizado os temores e avançado ostensivamente a sua opinião como sendo a última palavra... Poderá ajudá-la a se apoiar no seu grande afecto, a confiar em si e a amá-lo.» — *Testimonies*, vol. 2, pág. 260.

Pontos-chaves

1. O evangelho ensina a importância da amizade nas relações familiares.

a. Dois tipos de relações diferentes em João 15:15.

A relação *entre o senhor e o servo* conserva uma certa distância entre as duas partes. Caracteriza-se pela obediência cega por parte do servo, sem ser chamado a

dar a sua opinião sobre os assuntos do senhor e com pouca ou nenhuma partilha ou envolvimento na vida íntima pessoal um do outro.

A relação *entre amigos* leva a uma experiência de intimidade entre ambas as partes. A obediência baseia-se no amor, porque existe uma partilha de conhecimento e compreensão, uma revelação aberta um ao outro, uma comunicação das intenções e o desejo de estreitar cada vez mais a relação mútua.

b. Não servos, mas amigos.

A relação aqui apresentada entre Jesus e os Seus discípulos fala do convíte de Deus para entrarmos na mais íntima relação possível com Ele. Como é maravilhoso este pensamentos de devermos ser amigos de Deus!

Isto torna-se possível pela poderosa expiação da cruz de Cristo que liga o Céu com a Terra, destrói a inimizade e estabelece a paz entre Deus e os homens (Efés. 2:16; I João 2:2).

Sentimo-nos animados a cultivar os nossos hábitos de oração, porque a franqueza de Jesus estimula por sua vez a franqueza da parte dos Seus discípulos. «Orar é abrir o coração a Deus como a um amigo.» (*Aos Pés de Cristo*, pág. 97.)

c. Um modelo para as famílias.

A realidade da cruz torna a amizade possível e todas as relações. Deus convida-nos a imitar este espírito de franqueza que encontramos

n'Ele, não apenas em relação com Ele próprio, mas também com todos aqueles com quem vivemos.

A relação entre Jesus e o Seu grupo de discípulos não é diferente das relações existentes numa família (Cf. Mat. 12:48-50). Do mesmo modo como a família ou o lar representa muitas vezes a relação de Deus com o Seu povo

(Efés. 2:19), assim também se pode dizer que a relação de Cristo com os Seus discípulos representa o que Deus tem em mente para a vida em família. Ele quer que exista uma experiência de intimidade entre os membros da mesma família. Quer que a obediência uns aos outros seja baseada em amor. Quer que haja compreensão e uma

JANELAS SOBRE O MUNDO

Arranjar tempo para comunicar a sós com a outra pessoa

O bem conhecido psicólogo cristão Ross Campbell conta a sua experiência: «Lembro-me de quando a minha querida filha, Carey, tinha catorze anos. Foi um ano muito curioso. Estava ela a passar pelas transições típicas da adolescência e comunicava frequentemente apenas por grunhidos como 'an-han' ou 'han'?

«Durante este período, fiz duas grandes descobertas. Primeiro, que é inútil e prejudicial tentar forçar uma criança a abrir-se e falar durante esse período. Ainda que fosse uma verdadeira tentação importuná-la com perguntas, descobri que isso era um erro e, na realidade, piorava a situação. Segundo, que se eu passava pelo menos 20 ou 30 minutos com Carey, num convívio ameno, sem exercer qualquer pressão sobre ela, então as suas defesas cediam gradualmente e conseguíamos realmente partilhar pensamentos e sentimentos.

«Uma das maneiras mais eficientes de chegarmos a esse ponto era levá-la a um restaurante. Eu escolhia sempre um dos mais económicos da cidade e procurava que chegássemos nas horas mais movimentadas, para que pudéssemos ter de esperar numa longa bicha. À mesa, dizia à empregada uma ou duas vezes que ainda não tínhamos escolhido e que voltasse depois. Comia muito devagar e acabava por pedir uma sobremesa, o que, noutras circunstâncias, normalmente não fazia.

«Já compreenderam que a finalidade de tudo isto era ganhar tempo suficiente para poder estar com Carey, num ambiente sem qualquer pressão de comunicar, permitindo-lhe sentir-se à

vontade na minha presença. Noutras alturas íamos pescar, caçar, andar à boleia, fazer caminhadas (mais ou menos longas), praticar um jogo, ver uma peça ou assistir a um concerto. Quando um adolescente está com o pai ou a mãe, mas sem qualquer pressão, 'simplesmente ali', as suas defesas cedem gradualmente e começa a falar — a princípio superficialmente, depois em níveis mais significativos.

«Quando chegávamos ao fim da refeição, Carey já estava bastante descontraída e comunicativa, mas a conversa era ainda um tanto superficial: desporto, professores, trabalho escolar. Então eu pagava a conta e íamos para o carro.

«Durante os últimos dois quilómetros antes de chegarmos a casa, ela falava então sobre assuntos pelos quais tinha muito interesse. Relações com colegas, relações de família, pressões de colegas para a convencerem a tomar droga. É claro que a conversa se interrompia quando chegávamos a casa. Atitude típica de adolescentes. A razão para isto é que eles precisam de sentir que têm um meio de 'escape' quando revelam alguma informação importante. Precisam de sentir que podem fugir, se os pais não reagirem apropriadamente aos seus sentimentos mais íntimos. O que mais temem não é o desacordo mas a ira, o ridículo, a reprovação, ou a sua rejeição a um nível pessoal. Precisam de ter uma solução para, no caso de se sentirem mal, se poderem furtar ao confronto.»

Ross Campbell, «How to Really Love Your Teenager...», pág. 36, 37.

Assine e divulgue a

Revista Adventista

atitude de abertura mútua, uma boa e positiva comunicação entre nós.

2. Por intermédio de uma melhor comunicação, pode fortalecer-se a amizade na família.

Nem toda a comunicação é dirigida no sentido de fortalecer as relações; mas, se quisermos que estas se tornem mais íntimas, precisamos de prestar atenção ao modo como comunicamos com os outros.

a. Alguns factos acerca da comunicação.

Cerca de 7% da nossa comunicação faz-se por meio das palavras. 38% dessa comunicação faz-se pelo tom da voz. 55% da mesma comunicação processa-se de um modo não verbal, por intermédio da linguagem do corpo — a posição que adoptamos, os nossos gestos, as expressões do rosto, o contacto físico. Na Sua comunicação, Jesus usou estas três vias de comunicação. Podemos sentir-nos muito mais perto d'Ele se pensarmos, não apenas nas palavras que proferiu, mas também no tom da Sua voz, e se pensarmos em como seriam as Suas expressões e gestos.

Os nossos sentimentos, que podem ser a parte mais importante da comunicação no fortalecimento de uma relação, são em muitos casos transmitidos através do tom da voz e da linguagem corporal. Precisamos geralmente de trabalhar no desenvolvimento de um vocabulário de palavras sentimentais que exprimam os 7% da nossa comunicação que é verbal. Isto é especialmente verdade a respeito dos nossos sentimentos positivos.

Comunicamos também em níveis diferentes. Nestes diversos níveis, lidamos com frases feitas, factos, ideias, sentimentos e com a partilha do nosso íntimo. Estes níveis são em ordem ascendente, na medida em que nos vamos abrindo.

b. Comunicação para nos abriremos.

Embora não seja sempre necessário comunicar nos níveis mais profundos, é importante chegar de vez em quando a esses níveis se quisermos desenvolver relações íntimas. O preço da amizade e intimidade no casamento e nas relações de família é a abertura interior.

A abertura interior é difícil. Recemos abrir-nos aos outros; te-

mos medo de que não nos aceitem como realmente somos, com todos os sentimentos que realmente temos. Não temos sempre a certeza de poder confiar aos outros os nossos pensamentos e sentimentos mais íntimos.

A comunicação e a confiança estão ligadas. Em certo sentido, a comunicação apoia-se na confiança; noutra sentido, a confiança apoia-se na comunicação. Quando partilhamos um pouco de nós mesmos, e as pessoas com quem comunicamos nos aceitam, conseguimos confiar nelas. Isto abre o caminho para uma comunicação mais profunda.

A pessoa que escuta pode contribuir em muito para ajudar a pessoa com quem fala a se abrir. Deve evitar respostas que envolvam um juízo ou sentido de conselho moral, sermão, discussão, desacordo, crítica ou recriminação. Não nos abrimos com aqueles em cuja presença nos sentimos diminuídos ou derrotados.

Ellen White escreveu uma carta a um marido severo e exigente que, com certeza, achava que exprimir amor era um sinal de fraqueza. Dizia ela: «A sua esposa retrai-se de lhe revelar todas as emoções da alma, porque o irmão tem desdenhado dos sentimentos dela; tem-lhe ridicularizado os temores e avançado ostensivamente a sua opinião como sendo a última palavra.... Poderá ajudá-la a se apoiar no seu grande afecto, a confiar em si e a amá-lo.» — *Testimonies*, vol. 2, pág. 260.

c. Sugestões para uma melhor comunicação na família.

1. Dar completa atenção
2. Arranjar tempo para a comunicação em conjunto
3. Aprender a escutar (Cf. Tiago 1:19; Prov. 18:13)

Conclusão e apelo

Jesus deseja manter uma relação de amizade com os Seus discípulos. Aceitámos já o Seu convite para esta espécie de relação? Não deveremos renovar a nossa consagração a Ele? Na segurança da nossa experiência com Ele, podemos arriscar abrir-nos uns aos outros; podemos conhecer a alegria que vem de um íntimo companheirismo nos nossos lares, com as nossas famílias e em todas as nossas relações.

JANELA POÉTICA



A Criança é uma Flor

Toda a criança é uma flor,
Toda a flor é ternura!
Toda a ternura é amor
Que vem da paz do Senhor!

Criança!
Tu sejas um mundo
De esperança em flor
Onde habite sempre
A paz e o amor

Hoje é criança,
Amanhã homem serás!
Faz com que o teu mundo
Seja de amor e paz!

Lírio branco, lírio lilaz!
Criança!
Tu és a flor plantada
Num canteiro de amor e paz!

Carmen Sala

Viana do Castelo: 1.ª Exposição do Serviço Educativo Saúde e Lar

Ainda no ano passado, de 3 a 13 de Setembro, realizou-se nesta cidade, nos Paços da Cultura, a primeira Exposição do S.E.S.L., que contou com o apoio da Câmara de Viana, rádios locais e jornais de Viana do Castelo.

Toda a nossa mensagem foi analisada por mais de 800 visitantes, que elogiaram os nossos trabalhos ligados ao aspecto físico, mental e espiritual.

Dois programas radiofónicos em directo, na Rádio Alto Minho, entusiasmaron os nossos visitantes. Recebemos com satisfação visitas de assinantes da *Saúde e Lar* vindos da Covilhã, Tomar, Setúbal, Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, etc., que estavam a passar férias nesta linda cidade minhota. Eles próprios manifestaram o seu agrado de verem a sua revista em exposição.

Uma senhora de Viana, D. Amélia, assinante da *Saúde e Lar* há 26 anos, dizia-nos: «Estou feliz porque a minha revista tão querida faz pela primeira vez uma demonstração nesta cidade da sua realidade como chave para a saúde e o lar para todos os habitantes de Portugal.»

Centenas de revistas *Sinais do Tempo*, das *Missões* e folhetos para o curso de *A Bíblia Responde* foram entregues a quem o solicitou e isso constituiu um êxito na semente que foi lançada.

Toda a nossa pequena igreja de Viana do Castelo, com o

apoio incansável do pr. Rogério Nóbrega, esteve empenhada nesta primeira experiência exposicional, a qual constituiu alegre motivação para o ano de actividades que então iniciávamos.

Viana do Castelo: Festa do Natal — O salão da igreja encheu com convites da Rádio «Nascente de Esperança»

No passado dia 27 de Dezembro, à 16 horas, realizou-se a festa de Natal da igreja de Viana do Castelo, promovida pela juventude adventista e pela rádio «Nascente de Esperança».

Foi com imensa alegria que a congregação recebeu mais de meia centena de almas que, ouvindo a nossa mensagem através da rádio, não faltaram ao nosso convite para esta festa.

Desde a representação de uma peça bíblica sobre o nascimento de Jesus, às mensagens de amor com poesias, e à distribuição dos prémios do ano de 1987 aos vencedores do programa «Nascente de Esperança», tudo decorreu de maneira a sentirmos a mão de Deus e a visível alegria destas almas...

Uma vez mais Deus nos demonstrou que para maior divulgação da mensagem do Advento é necessário muita fé e oração, e muito trabalho. Aqui em Viana do Castelo desejamos fazer o melhor para uma elevada colheita de almas. — *Álvaro Bastos*, Colporteur-evangelista

Paços de Ferreira: Trabalho entre os Reclusos

«*Estava nu, e vestistes-me, adoeci e visitastes-me, estive na prisão e fostes ver-me.*» (Mat. 25:36).

Uma carta da Cadeia Central do Norte, de Paços de Ferreira, dirigida à igreja adventista do Porto, apelava para uma visita a dois reclusos. Como resposta, e através da sua dinâmica Sociedade Missionária, esta igreja iniciou um importante trabalho missionário entre os reclusos daquele estabelecimento prisional, que se manteve durante todo o ano de 1987.

Os primeiros contactos foram através de correspondência, a seguir passou-se às visitas e presentemente já ali se realiza o culto todos os sábados de manhã. Assistem cerca de 25 a 30 internados. O culto tem sido feito pelo ir. José Carlos Garcês, tendo já a colaboração do prof. José Carlos Cidra. No que diz respeito aos cânticos, a Ir.ª Ester tem sido a sua coordenadora.

Neste momento a esperança aumenta: 35 reclusos conclui-

ram já o curso bíblico *A Bíblia Responde*, havendo outros ansiosos por fazê-lo. A Ir.ª Olívia Garcês responde semanalmente a 10 internados que por carta apresentam as suas dúvidas sobre a Palavra de Deus.

— São os senhores da Voz da Esperança!

— Oh, isso é boa gente! Venham que serão sempre recebidos! (Palavras do chefe da prisão).

«... Aguardamos ansiosamente a chegada do sábado para poder estar convosco, cantar os vossos hinos e aprender mais da Palavra de Deus.» (Palavras dos internados em Paços de Ferreira).

Mas também a experiência tem sido bastante inspiradora para os irmãos da igreja do Porto, como eu próprio tive ocasião de testemunhar numa das vezes em que, a seu convite, participei numa visita ao referido estabelecimento prisional. — *Álvaro Bastos*, colporteur-evangelista.

Sociedade Bíblica: Inauguração de Nova Sede em Lisboa

A Sociedade Bíblica inaugurou no passado dia 27 de Novembro a sua nova sede, na Rua José Estêvão, 4 B, em Lisboa. A cerimónia de inauguração teve lugar cerca das 16 horas e a ela assistiram mais de 150 amigos e colaboradores da Sociedade Bíblica. A nossa Igreja esteve representada pelos pastores Joaquim Morgado e Paulo Morgado, respectivamente, presidente e director de Relações Públicas da União Portuguesa.

A cerimónia de inauguração foi aberta pelo secretário da Sociedade Bíblica, pastor Augusto Esperança, e pelo presidente da Direcção da mesma, Prof. Dr. João Soares de Carvalho. O discurso de abertura foi proferido pelo Dr. Juiz José Dias Bravo, e em nome das Sociedades Bíblicas Unidas, apresentou saudações o Dr. Hans Florin, secretário regional para a Europa.

A cerimónia atingiu um alto momento quando o Secretário da Sociedade Bíblica Portuguesa e o Representante das Socie-

dades Bíblicas Europeias colocaram numa vitrine especial, de acesso ao público, um exemplar fac-similado do Codex Vaticanus, o qual remonta ao século IV da era cristã.

Alguns visitantes, entre os quais o Bispo Anglicano Dr. Daniel de Pina Cabral, ofereceram valiosos exemplares de Bíblias antigas para a Biblioteca-Museu da Sociedade Bíblica. A oração final foi proferida por um antigo missionário, sr. Nascimento Freire, que completaria 90 anos no Dia de Natal.

A Sociedade Bíblica pode agora dispor de melhores facilidades para levar avante a sua nobre missão de difundir a Palavra de Deus, pois possui três pisos com ampla livraria, escritórios, vasto armazém de despacho, galeria provida de áudio-visuais e Biblioteca para estudo e pesquisa.

Pedimos ao Senhor que possa abençoar o ministério de quantos ali trabalham e a acção valiosa da Sociedade Bíblica.



Braga: Convívio com os irmãos da igreja de Corunha

Está ainda na lembrança de todos os irmãos da igreja de Braga que participaram no passeio e visita à igreja de Corunha, em Espanha, os momentos muito agradáveis que ali passámos. Esta experiência devia fortalecer outras igrejas a excursionarem além-fronteira para poderem disfrutar do companheirismo cristão dos irmãos do país-irmão.

A Escola Sabatina foi dirigida pelo ir. José Duarte, em língua castelhana, e os Momentos Missionários foram apresentados pela jovem Isa Magalhães,



Braga: Corrida de S. Silvestre

Realizou-se na noite de quarta-feira, dia 30 de Dezembro. Participaram algumas centenas de concorrentes correndo individualmente e por equipas. A da Juventude Adventista de Braga era constituída por 10 elementos.

Este foi um meio excelente e simples de participar numa prova desportiva muito falada na cidade e ao mesmo tempo foi um meio de tornar conhecido o nome da Igreja perante o público em geral, mas também perante as autoridades que organizaram a corrida e que se encontram igualmente ligadas a outras actividades culturais em destaque na capital do Minho.

Nenhum adventista ganhou a corrida, mas todos chegaram ao fim, apesar duma noite chuvosa, ventosa e fria.

Braga: Festas do Natal

Sob a responsabilidade da direcção dos Jovens, na chefia da qual se encontra este ano o ir. José Duarte, tivemos a nossa festa no domingo dia 20 de Dezembro, da parte da tarde.

A igreja estava praticamente

cheia e foi com bastante prazer que pudemos constatar também a presença dum bom número de visitas, que seguiram com muito interesse todo o programa, preparado com esmero, e que encontrou facilmente o caminho do coração dos assistentes.

Apresentações dos diferentes números, poesias, coros, peças e músicas sucederam-se rápida e harmoniosamente, criando um ambiente de vivo interesse e de satisfação, que se sentia facilmente no final da Festa nas manifestações e comentários de todos os que tiveram ocasião e privilégio de estar presentes.

No domingo dia 3 de Janeiro, a igreja de Braga organizou uma visita a Alpendurada, para levar a efeito a festa do Natal nesta localidade. E de novo tivemos oportunidade de dar um bellissimo contributo missionário, na medida em que estiveram presentes muitas visitas e os irmãos de Alpendurada puderam vivificar a sua fé na presença de tantos irmãos que ali se deslocaram. Calculámos em cerca de 140 as pessoas presentes na festa de Alpendurada, havendo gente de pé, que de fora, assistiram também à festa. — José M. Matos, Pastor

que viveu muitos anos em Venezuela, dominando perfeitamente o idioma castelhano.

A pregação, alusiva à nossa esperança comum — a vinda de Jesus — esperança que não conhece fronteiras, foi apresentada pelo signatário.

De tarde demos um passeio em conjunto, dirigido pelos irmãos da Corunha, e à noite teve lugar uma excelente reunião social com os jovens de ambas as igrejas. No domingo seguinte foi o regresso após dois dias tão agradáveis que em todos deixaram saudades.

São palavras inspiradas como estas que têm estimulado através dos anos e ultimamente em particular, a preocupação da nossa denominação pela melhoria das condições e responsabilidades das esposas dos pastores.



PARTILHANDO O MINISTÉRIO

«Repousa sobre a esposa do ministro uma responsabilidade que ela não deve, nem pode levemente eximir-se. Deus há-de requerer dela o talento que lhe foi emprestado, com usura; cumpre-lhe trabalhar fiel e zelosamente em conjunto com o marido para salvar almas.» *Obreiros Evangélicos*, p. 198

Neste espírito, a Associação de Esposas de Pastores em paralelo com a Associação Pastoral da nossa União, promoveu um encontro de esposas de pastores, nos passados dias 7 e 8 de Dezembro de 1987, na Curia, com a presença do Presidente, Secretário-tesoureiro, Secretário da Associação Ministerial e Responsável da Associação de Esposas de Pastores, respectivamente, Pastores, J. Morgado, J. Gomes, A. Nunes, e Dra. Maria Rosa Nunes, além de um entusiasmado grupo de esposas de pastores.

O ambiente requintado, calmo e propício à reflexão que o Hotel das Termas da Curia pôs à nossa disposição sob condições financeiras verdadeiramente excepcionais, serviu muito bem para o desenvolvimento de diversas actividades propostas, cujos objectivos, atingidos, foram: estar unidas no estudo e na meditação da Palavra de Deus; investigar e descobrir o papel da Mulher desde os tempos do Velho Testamento até aos nossos dias; analisar os deveres e os privilégios da Esposa de Pastor; conhecer o historial da *Sherpherdess International*; reconhecer a importância da criação da Associação de Esposas de Pastores em Portugal e participar na eleição dos respectivos elementos directivos, tendo sido eleitas, por votação geral, as irmãs Natividade Quintino como secretária e Ilda Car-

doso, como redactora do Boletim da Associação.

O tema de fundo tratado foi: «A importância da Esposa do Pastor no Lar e no Ministério Cristão». Dissertaram sobre o assunto os dirigentes da União presentes. O Pr. Morgado discorreu sobre o papel da mulher na Bíblia, desde o antigo Israel até aos nossos dias, realçando a sua importante acção na Antiguidade, em tempos de crise, comparando com os nossos dias onde somos chamadas a seguir-lhes o exemplo.

O Pr. J. Gomes advertiu-nos quanto aos segredos do aconselhamento, lembrando que todas as necessidades humanas se resumem em amar e ser amado. Estas palavras deverão guiar a nossa actividade na igreja. O mesmo orador falou-nos de cinco aspectos que fazem sentir a necessidade de ouvir, ajudar e encorajar as pessoas, conduzindo-as sempre ao Salvador.

O Pr. Nunes, além da meditação que exortava à união no estudo da Palavra de Deus, falou-nos sobre a criação da Associação de Esposas de Pastores em Portugal. Sua esposa, ir.ª Maria Rosa, dissertou sobre a importância da mesma, analisou os documentos da *Sherpherdess International* [Organização de Mulheres Adventistas], e drigiu um debate, por grupos, sobre o papel de Mulher, no Velho e Novo Testamentos e nos nossos dias, sendo apresentados trabalhos dos respectivos grupos, por porta-vozes, o que foi muito interessante pela reflexão que provocou sobre o importante papel que a esposa do pastor tem hoje, para conduzir almas a Cristo.

Realmente grande mas imprescindível é a responsabilidade da esposa do pastor. A sra. E. White escreveu a este propósito: «A esposa do ministro muito pode fazer, se quiser. Se for dotada de espírito de sacrifício e tiver amor pelas almas...» *Obreiros, Evangélicos*, p. 197. Que o Senhor abençoe este ministério feminino. — Maria del Carmen Osorio y Braña

Maurice Zehnacker: Novo Presidente da União Franco-Belga

Reunidos de 29 de Novembro a 2 de Dezembro de 1987, os 115 delegados da União Franco-belga dos A.S.D. nomearam presidente da mesma o Pr. Maurice Zehnacker.

Originário da Alsácia, desde 1981 que M. Zehnacker tem sido administrador do Seminário Adventista do Salève e da Faculdade Adventista de Teologia da Alta Sabóia. Anteriormente desenvolveu com competência e consagração a sua vocação missionária em terras africanas, exercendo o cargo de presidente das Uniões Adventistas da África Central.

Durante a assembleia da União Franco-belga foram também apresentados relatórios dos

vários departamentos e foi nomeada uma nova equipa de departamentais que, certamente, darão o seu melhor para o êxito e crescimento das igrejas adventistas da França, Bélgica e Luxemburgo.

A União apresenta o seguinte quadro directivo: Presidente: Maurice Zehnacker; secretário: Maurice Verfaillie; tesoureiro: Jean-Pierre Aeschlimann; Associação Pastoral e Ministérios da Igreja: M. Zehnacker; Juventude e Escola Sabatina: José Fígols; Actividades Missionárias, Lar e Família e Mordomia Cristã: Roland Buyck; Comunicações, Liberdade Religiosa e Educação: Maurice Verfaillie; Departamento Médico: Dr. Patrick Guenin.

Paris: «A Paz, responsabilidade comum de todas as religiões»

No domingo, dia 13 de Dezembro de 1987, teve lugar em Paris, às 15 h, na sede da secção francesa da «Conferência Mundial das Religiões para a Paz» (WCRP) um colóquio sobre o tema «A paz, responsabilidade comum de todas as religiões». Entre os intervenientes, o Embaixador Hamadi ESSID, director do Bureau de Paris da Liga dos Estados Árabes; Mgr. Gérard Leman, delegado da Paz Christi; Sr. Michel Cardon, da Missão do Bicentário da Revolução Francesa; Sr. Emile Moatti, da «Fraternidade de Abraão» e o Sr. Kunsany Chopel, presidente da Comunidade Tibetiana da França.

Todas estas personalidades procuram definir as condições segundo as quais as religiões podem contribuir para um melhor diálogo internacional:

- Como aliar a uniformização tecnológica e cultural do nosso mundo e a salvaguarda dos valores religiosos tradicionais dos povos, sem que estes façam da sua religião ou da religião motivo de isolamento ou de agressão?
- Que formas de diálogo usar entre as religiões para que, em vez de contribuírem, como tantas vezes acontece, para a perpetuação de vio-

lentos conflitos, possam antes, de acordo com os seus mais elevados valores, ser factores da sua solução pacífica?

- A aproximação do bicentário da Revolução Francesa poderá constituir uma ocasião de redescobrir que as tradições religiosas e políticas da França, no que têm de mais autêntico, lhe oferecem a oportunidade histórica de uma integração social e cultural de todos os que, vindos dos horizontes religiosos mais diversos, constituem a nação de amanhã.
- Após o divórcio histórico francês entre os direitos do homem e a religião, que compreensão dos direitos do homem pode a França promover para reconciliar os direitos do homem e os direitos de Deus?

Da resposta a esta pergunta depende a contribuição francesa para a defesa de uma verdadeira liberdade religiosa no mundo.

Os organizadores esperam que o diálogo dos participantes com os intervenientes permitirá definir melhor as orientações próprias da secção francesa da Conferência Mundial das Religiões para a Paz. — J. Graz

Uma curandeira ganha para Cristo

Lídia Tomás Macaneta, curandeira e adivinhadora de espiritismo durante dez anos, filha de pais e famílias de curandeiros e adivinhadores.

Lídia encontrava-se possessa de espírito mau e adivinhador desde a meninice. Quando adolescente sofreu bastante com diversas doenças como aviso de que devia organizar-se e reunir material para o ministério diabólico. Lídia não queria. Com 22 anos de sofrimento, passou por três fases de tentativas para se libertar do poder do demónio.

Primeira fase: Alguém a aconselhou a que frequentasse a Igreja de Sião Apostólica: eles conseguem expulsar demónios; porém, tal não aconteceu.

Segunda fase: Outra pessoa levou-a à Assembleia de Deus, mas também sem resultado, embora tentasse durante alguns meses.

Terceira fase: O conselheiro levou a sra. Lídia ao chefe dos espiritismos e adivinhadores e lá a internou por um ano e dois meses, separada do marido e dos filhos. Lá, o curandeiro-chefe amedrontou-a bastante, ao dizer-lhe:

— Sra. Lídia, tens sorte, pois o espírito que tens queria matar-te, porque tu não queres fazer o que o espírito te manda; por duas vezes já ameaçaste o espírito; tens que dar graças àquele que te conduziu até mim. Agora, pois escolhe: Vida ou Morte. *Vida*, aceitando ser ministro dos demónios, ajudando assim a humanidade sofredora por problemas e doenças diversas, como nós fazemos, e recebendo, por outro lado, muito dinheiro e muita riqueza do mundo por longos anos. *Morte*, se negares ser ministro e tentares expulsar o espírito. Então certamente morrerás, porque expulsar é impossível. Este espírito é de nascerença, segue a familiaridade.

A sra. Lídia, depois de uns momentos de pensar, escolheu a «vida», aceitando ser ministro dos demónios. Durante dez anos, Lídia Tomás Macaneta trabalhou como ministro. Embora contra vontade, foi essa a sua escolha. Sofreu escravatura total sem mais esperança de libertação. É certo que lhe rendia bastante: quarenta e cinquenta

contos diários, conforme o movimento do dia.

Um pastor da Igreja Adventista do Sétimo dia daquela cidade, J. A. Mabote, organizou num belo dia uma campanha evangélica de casa em casa para abrir lares ao estudo da Bíblia, intitulada «Curso Bíblico do Lar» e dividida em seis grupos. Cada grupo com um chefe. Depois de uma oração cada grupo saiu. O grupo do Pr. Mabote também saiu. A quarta casa atingida foi a de Lídia Macaneta. Eram aproximadamente dez horas e trinta minutos do domingo dia 2 de Junho de 1985, quando o grupo bateu à porta da entrada. E logo veio abrir uma menina de doze anos de idade, de nome Paula, com a pergunta da mãe:

— Precisam de consulta, não é? A mamã está doente.

Entraram na sala de visitas; poucos minutos depois apareceu a sra. Lídia que cumprimentou o grupo.

— Nós somos da Sociedade Educacional Saúde e Lar, de base bíblica, disse o pastor; andamos a oferecer gratuitamente este curso para grande proveito na vida e no trabalho aos interessados em mais conhecimentos.

Lídia de bom grado aceitou fazer o curso, recebendo aulas três vezes por semana. O pastor foi monitor dela e dos filhos. Antes de concluir vinte lições, Lídia aceitou Cristo como Aquele que a podia libertar da escravatura do demónio. Três meses depois, foi baptizada. Livre do poder maligno, queimou todo o material do mau espírito.

Hoje a sra. Lídia serve dedicadamente a igreja como secretária e Tesoureira do grupo organizado da sua cidade. Na sua satisfação pela liberdade que recebeu do Senhor, ofereceu para construção de uma capela na sua zona no Bairro de Fomento em Maputo o montante de cem mil meticais. Embora não fosse suficiente para a construção, preferiu que fosse utilizado para os alicerces da Capela. Notícia é que Lídia é hoje monitora de Bíblia, dando um testemunho maravilhoso pela sua conversão, e tem grande sucesso em ganhar almas para Cristo. — *Bernardino Mabote*, Presidente da União Moçambicana